

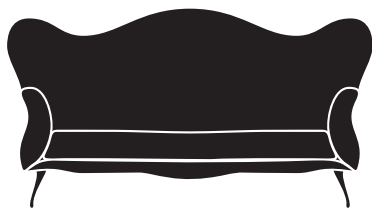
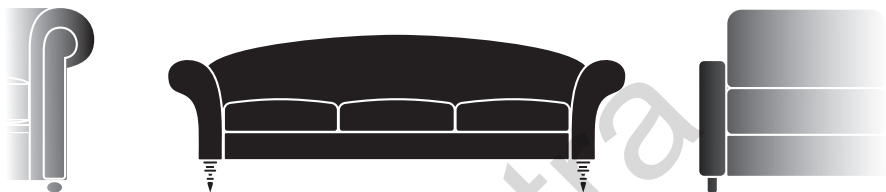
DIVÃ EM SÉRIE

Amostra

Amostra

DIVÃ EM SÉRIE

LIVIA GARCIA-ROZA



TORÇILHAS

Em memória de Horus Vital Brazil, meu tio.

Amostra

Amostra

Um sopro do mundo interior

A história das minhas análises começa lá atrás quando eu tinha dezesseis anos e fui mandada para Nova York para a casa de um tio para esquecer meu namorado da época. Esse tio fazia formação psicanalítica e, à noite, discutia casos clínicos com os colegas que vinham à sua casa. Eu, jovem, escutava o que eles diziam; pegava farrapos de conversa que montava a meu bel prazer. Mal podia esperar para o encontro seguinte. Nessas reuniões que ouvi falar de psicanálise pela primeira vez. Todavia, meu encontro com a psicanálise, com o saber inconsciente, data de quando eu era menina. Vamos à história.

Fui uma menina indomável. Irrequieta e turbulenta. Atormentada pelo excesso de energia. E com uma imaginação prodigiosa. Trabalhosa, segundo minha mãe. Vivia correndo pela casa, minha saia rodada ventava atrás de mim. Na nossa casa de dois andares havia uma escada que eu subia e descia inúmeras vezes ao dia. As coisas me interessavam para voltarem a me desinteressar logo em seguida. Mamãe tentava me conter, às vezes conseguia. Achava o mundo uma largueza infinita que eu tentava abarcar.

Durante um longo período da minha infância, passei desenhando o número oito. Não sei quando começou, mas de um dia para o outro eu desenhava o oito em todo e qualquer lugar. Não conseguia parar. O tempo foi passando e tudo o que me rodeava ganhava o desenho do oito. Desenhava-o no caderno da escola, na mesa de jantar, no degrau da escada, no espelho da minha penteadeira, na palma da mão, na areia da praia, em toda superfície que encontrava. E ficava atenta para ver se havia alguém me observando.

Com o passar do tempo, o desenho do oito começou a me incomodar. É preciso que uma coisa nos atrapalhe enormemente para que tomemos providência; foi o que aconteceu, um dia contei para a minha mãe. Algo me dizia que se eu não contasse, aquilo ia continuar me atrapalhando

enormemente. Mamãe mandou que eu fosse conversar com meu tio, que estudava psicanálise. Fui, meio envergonhada, mas fui. O tio e sua família, que se compunha dele, de sua mulher e de sua filha pequena, moravam a uma quadra de nossa casa. Lembro que saí correndo; num instante, encontrei meu tio escarrapachado em sua poltrona, lendo. Minha priminha dormia num sofá atrás dele. Assim que ele me viu, baixou o livro e disse: “oi, Livoca!” (Às vezes, ele me chamava assim) Achei que se eu não contasse logo a história do oito, não conseguiria falar. Então, de um fôlego só, contei que não conseguia parar de escrever o número oito, escrevia na carteira da escola, na mesa de casa, no degrau da escada, na palma da mão, na areia da praia... “Por que você não experimenta passar para o nove?” Meu tio disse assim que eu fiz uma pausa. Não soube o que dizer. Fiquei estatelada. Em seguida, corri de volta pra casa. Minha mãe me esperava para saber o que meu tio tinha dito, mas eu não mais me lembrava. Tivera um esquecimento instantâneo. Um bem súbito. Foi assim que o número oito passou a ser um número como outro qualquer.

Em sua aparente simplicidade, essa história e o seu desfecho me causaram uma surpresa, um impacto, melhor dito. Mexeu comigo. Na verdade, esse episódio marca meu encontro com o inconsciente. Inaugurava-se ali a minha subjetividade – com um sopro do mundo interior. Algo me dizia que o mundo era maior do que eu supunha. De uma complexidade inimaginável. Mas isso eu só viria a saber bem depois. Tinha muito ainda a descobrir. Estava apenas dando os primeiros passos. No início da vida. E, talento à parte do tio, sua pergunta apontou para uma questão. Questão essa que viria a se desdobrar em outras tantas e que eu viria a explorar na série de divãs onde procurei respostas; sem que ainda soubesse que a psicanálise não tem explicação.



As pranchas de Rorschach

As pranchas de Rorschach são também chamadas de testes de Rorschach, que é uma técnica de avaliação psicológica pictórica, comumente denominada de teste projetivo, ou método de auto-expressão.

Ele consiste em dar respostas sobre com o que se parecem as dez pranchas com manchas de tinta simétricas. A partir das respostas, procura-se obter um quadro amplo da dinâmica psicológica do indivíduo.

Quando ainda morávamos em Niterói, em Icaraí, na nossa riviera, minha mãe pediu que eu fosse conversar com uma amiga dela. Perguntei de quem se tratava, mas ela contornou o assunto. Estranhei o pedido, mas fui. Eu era obediente, e rebelde quando queriam tolher a minha liberdade. O objetivo da vida de minha mãe era o de me ocupar. Encontrar algo que mantivesse meu interesse.

Naquela época, eu tinha dezessete anos e estava grávida do meu primeiro namorado. Mamãe soube – numa conversa que tivemos no escritório de meu pai – e estava ansiosa e assustada com o acontecimento. Eu, completamente alienada, continuei namorando como se nada tivesse acontecido. Só quando não consegui mais dormir de bruços me dei conta que dentro de mim havia um bebê. Mas antes houve festa, bolo e casamento. Não necessariamente nessa ordem.

Na conversa com a tal amiga de mamãe, encontrei uma mulher jovem que me pareceu estrangeira, era bonita e suave. Com o passar do tempo, descobri que era uma boa pessoa. Foi a primeira pessoa mansa que conheci. Na nossa casa viviam todos em polvorosa. A começar por meu pai, que era o rei da confusão. Do alarido. Não lembro do teor das conversas com a doutora, mas lembro que conversamos. Muito. Diversas vezes estivemos juntas. Na época, foram muito importantes as nossas conversas. Seu consultório ficava numa casa cheia de luz na praia de Icaraí e era repleto de fotos de bebês (insinuação não faltava). Lembro da claridade de todo o ambiente.

Na verdade, a doutora I.K. devia ser pediatra e estudava psicanálise, que estava no seu verdor. Poucos eram os que exerciam a psicanálise, até porque havia a exigência de que aqueles que a praticavam deveriam ser médicos. Precisou passar um bom tempo para que os psicólogos pudessem também atender, caso tivessem formação. Muito depois é que a psicanálise se tornaria essa praia de náufragos, em que qualquer um que se autorize psicanalista pode abrir um consultório.

Voltando à doutora, mais tarde, ela mudou de endereço e foi para outra casa, cuja sala era escura; lá, ela projetava as tais pranchas de

Rorschach. A cada uma eu devia dizer o que me vinha à mente. Eu respondia rápido, sem vacilar, e me lembro até hoje de uma prancha que me atemorizou. A prancha era de uma imagem de duas meninas de costas à beira de um precipício. Ali, eu me vi, a mim e a prima que cresceu comigo. Não sei se a doutora disse, ou se imaginei, que uma de nós devia cair no abismo. Havia que escolher. Escolha de Sofia, *avant la lettre*.

Passado todo esse tempo de vida, saí de Icarai há muitos anos, não sei se a doutora ainda vive, se está no Brasil e se lembra de mim, mas eu me lembro dela com muita nitidez e muito carinho, e lembro também da prancha que me assustou. Ficou gravada na minha memória para todo o sempre. Ficamos juntas durante pouco tempo, a doutora e eu, o suficiente para eu nunca mais esquecê-la. E minha filha vir ao mundo.

◆ ◆ ◆

Nos primórdios, a psicanálise

Minha história com a psicanálise data do final da década, da bela década, de 1950. Vivíamos num país lindo e promissor. Isso nos dava segurança para os mais ambiciosos projetos. Mas, naquela época, eu não pensava nada disso, visto ser jovem ainda e bastante alienada. Nesse período, o tio estava fazendo formação em psicanálise, em Nova York, e meus pais acharam por bem eu passar uma temporada na casa dele. Foi assim que embarquei para os Estados Unidos pela primeira vez. O intuito de meus pais era que eu esquecesse meu namorado. (Essa história de Nova York foi antes da minha gravidez e do meu casamento.)

Na casa dele, além do casal, havia minha prima de onze anos que me fazia companhia nos passeios. Na verdade, foi ela meu guia na cidade. A Nova York que ela conhecia. Meu tio trabalhava no hospital e minha tia passava os dias com os brasileiros que moravam lá. Na casa deles, ele tinha por hábito reunir alguns colegas à noite para debater casos clínicos. Conversavam até altas horas sobre sexo. De vez em quando, riam também. Minha tia dormia, minha prima via televisão, e era eu quem

servia o cafezinho a pedido dele, e com isso pegava restos de conversas. Fiapos, que eu costurava a meu bel prazer. Às vezes, eu ficava um pouco assustada com o que escutava, mas, em sua maioria, o que eles diziam me deixava muito excitada. Sem contar que o próprio tio, vez ou outra, comentava conosco, com sua filha e comigo, sobre seus estudos, sem mencionar o sexo, naturalmente. Foi ele o primeiro a me mostrar a coleção de Freud. Um dia, seguiu-se o seguinte diálogo:

— Você sabe que livros são aqueles na estante?

— Não — eu disse.

— São a coleção de Freud. Sabe quem foi Freud?

E então ele contou em poucas palavras a história de Freud, o qual fez parte da minha conturbada adolescência. Cedo, portanto, o nome de Freud passou a integrar a história familiar.

Em um dos dias em Nova York, mamãe apareceu de surpresa. Aparecia onde quer que eu estivesse. Um controle absoluto sobre a minha vida. Meu pai tinha ido a trabalho a Nova York e eles estavam hospedados num hotel em Manhattan, próximo da casa do meu tio. Mamãe pretendia que meu tio conversasse comigo, aconselhasse-me, eu sabia muito bem o teor da conversa que lhe agradaria. Havia sempre um viés pedagógico nos assuntos. Ela queria que meu tio me dissuadisse do casamento. Eu queria me casar com o namorado e ela achava muito cedo, porque eu tinha apenas dezessete anos e, segundo ela, seria melhor aproveitar a vida antes de assumir um compromisso mais sério. Não estava de todo errada. Mas, naquela época, eu não tinha escuta para o que minha mãe dizia. Ela achava que meu tio me dissuadiria da ideia, que teria esse poder. Era cedo mesmo para casar, mas eu estava louca para sair de casa. Ninguém imagina o ambiente lá de casa. Um pai sempre nervoso, uma mãe, que não largava a harpa, meus irmãos num gol a gol infundável na varanda, e como se fosse pouco, uma avó (paterna), que não saía da nossa casa bisbilhotando as panelas.

Voltemos a Nova York, ao melhor dos mundos, ao primeiro mundo. Lembro que estávamos no quarto dos meus tios. Lembro inclusive da nossa disposição dentro dele. Meu tio, arriado na cabeceira cachimbando; mamãe, sentada na ponta da cama do lado oposto em que ele estava; e eu aos pés da cama. Ele ouviu o que minha mãe disse e depois de uma

longa baforada em seu cachimbo, voltou-se pra mim e com a calma que lhe era habitual, perguntou:

— Você está querendo se casar, meu bem?

(Havia sempre um “meu bem” que ele dirigia às mulheres.)

— Sim, eu disse.

Ele então voltou-se pra mamãe e disse:

— Ela tem de viver a experiência dela.

A lembrança da cena se interrompe aqui, na magnífica frase proferida pelo tio. Alguém finalmente tinha me escutado. Essa conversa foi importantíssima, um marco na minha história, até porque quando voltei, um ano depois, eu realmente me casei, grávida, aos dezoito anos. Comecei a me atrapalhar cedo na vida. Meu primeiro casamento durou exatamente dois anos e quatro meses, sendo que desse tempo meu marido passou um ano na Alemanha. No seu retorno ainda moramos quatro meses juntos, findos quais nos separamos e eu voltei para a casa de meus pais com duas filhas. De novo, na confusão.

Logo após a minha separação, achando que podia ser uma boa experiência para mim, meus pais me deram uma viagem à Itália. Nunca haviam tido uma ideia tão boa para mim. Na Itália, em Nápoles, ficaríamos na casa de uma prima que estava para ter bebê. Embarcamos, a tia, mãe dessa prima que ia ter o bebê, e outras três primas de mais ou menos a mesma idade que eu.

De Niterói para a Itália. Um salto monumental. A bela e maravilhosa Itália representou a minha libertação em todos os sentidos. Lá, eu fui feliz. Como eu já tinha sido casada e era desquitada, ganhei a chave da casa e com ela o mundo. Foram meses inacreditáveis, de profunda alegria e de muitas descobertas. Passeios memoráveis, lugares lindíssimos, comida farta e boa. E como é bela a Itália! Como é lindo o mar Mediterrâneo. Roma é impactante com seus monumentos a céu aberto, mas nós ficamos em Nápoles, onde essa prima morava com sua família, no bairro do Vomero.

De lá, fizemos inúmeros passeios. Fomos ao Vesúvio, embora fosse inverno e não tenhamos enxergado absolutamente nada, às ilhas de Capri e de Ischia e à costa Amalfitana. A maravilhosa costa Amalfitana.

Positano ficou para sempre gravada na minha memória como um dos postais mais encantadores da Itália. Em Positano, lembro que almoçamos na Buca de Baco, um restaurante onde na parte de baixo batiam as ondas. Comprei vestidos para minhas filhas numa das lojinhas que enfeitavam o lugarejo. Em Positano também eu tive um *affaire* que deu o que falar. Ele tinha quarenta anos e eu vinte. Foi um romance que durou minha estadia. Não que eu tenha ficado apaixonada, mas foi uma relação que me propiciou coisas interessantes.

Ainda sobre a excursão, voltamos à Roma por alguns dias. Fomos à Capela Sistina, onde vimos a inesquecível Pietá de Michelangelo, fomos também ao Coliseu e à Fontana de Trevi, na qual joguei uma moeda. Na verdade, várias moedas. Sabia que nunca mais voltaria, tanto que deixei minha jovem por lá. Vez ou outra recebo seus postais: venha! Vacilo, entre o gesto e a festa.

Os anos 60

No início da década de 1960, mudamo-nos para o Rio, minhas filhas, meus pais, meus irmãos, minha avó e eu (um senhor elenco), para Copacabana, a qual ainda não tinha perdido seu encanto. Seu glamour. Muita coisa aconteceu na minha vida naquela época, uma vertigem ter vivido esse período.

Ao longo desses anos, namorei um capitão do Exército. O capitão (e não era de corveta) vinha me encontrar fardado, dentro do seu Simca Chambord. O carro era um luxo para a época. Eu era uma jovem desquitada e estava com vinte poucos anos, tinha uma certa liberdade, isso porque minha mãe vigiava meus horários. Sempre que eu voltava pra casa e enfiava a chave na porta, ela abria do outro lado numa perseguição infundável. Impressionante.

Pouco depois da mudança, meu irmão mais moço que eu um ano surtou. Foi um grande abalo familiar. A psicose não atinge só um membro da família, ela destrutura a família como um todo. Um desmanche

familiar. Acho que como um ato de salvamento, dispersamo-nos. Meu pai passava os dias no seu escritório da cidade; mamãe corria entre a casa, a Escola de Música e a orquestra; minha avó visitava as amigas; meu outro irmão, pelas ruas; as meninas, no colégio; e eu, trabalhando na Caixa Econômica e nos finais de semana me refugiava no teatro Tablado com as meninas. Uma família totalmente disfuncional.

O teatro foi a minha salvação naqueles tempos duros e sombrios. Lá se produzia arte (Viva Maria Clara Machado!), havia alegria, e as pessoas, em sua maioria, eram jovens alegres e promissores. Eram risos e mais risos de acertos e erros no palco. Divertíamos-nos aprendendo a andar, sentar, sorrir, e tantas coisas mais. O palco é um colégio feliz. E Maria Clara era uma mestra leve. Mas, voltando ao episódio do meu irmão, acredito que todos nos sentimos ameaçados pela doença mental. Um estranho que faz sua aparição de dentro de nós subitamente. Foi o que aconteceu com ele a partir daquele episódio.

Quanto a mim, fiz um sintoma de pontadas agudas do lado esquerdo da cabeça, que me alarmaram, sem contar que era insone desde menina. Lembro, quando menina, de ficar sentada nos degraus da escada de nossa casa de dois andares, esperando meus pais subirem para ir para o quarto e poder dormir. Já me referi às malditas noites. Mesmo assim, em muitas delas, com eles já no quarto, eu não conseguia pegar no sono. Tempo era o que existia naquelas noites. Enfim, achava dormir um suplício e não lembro jamais de ter sentido sono. Era uma insone crônica. Suficiente para pedir ajuda.

À noite, quando me deitava, ao som das marolas de Icaraí, ao lado do telhado coberto de estrelas, solta nos sonhos, eu não tinha dono. Nem sono. Um dia, conversando com uma amiga sobre meus problemas, ela disse que pediria a analista dela que me fizesse uma indicação. Quase todas as pessoas que eu conhecia faziam análise. Fazer análise estava entrando na moda e era um tema frequente nas conversas. E os analistas, que não eram tantos assim, eram as “estrelas” daquela época.

Naquele período, eu estava de férias do meu emprego na Caixa Econômica, ia à praia com as crianças, ao cinema, aos bares com os amigos, eta vida boa olerê, eta vida boa olará...

